

“Essa expansão será cíclica, lamentavelmente”

Fragelli destaca pontos microeconômicos

O diretor da Escola de Pós-Graduação da Fundação Getúlio Vargas, Renato Fragelli, não tem dúvidas de que o país vai voltar a crescer no ano que vem à taxa de 3% ou 4%, mas diz que a grande questão fundamental é a forma como esse processo vai ocorrer.

– O ponto é: crescimento cíclico ou permanente?

A resposta a essa pergunta, acredita, não é das mais positivas para o país. Mesmo reconhecendo que o Brasil teve avanços na área macroeconômica, como a restrição de gastos dos governos estaduais via Lei de Responsabilidade Fiscal e privatização de bancos estaduais e o controle da inflação, ele não aposta numa recuperação sustentada da economia.

– Tudo indica que essa expansão será cíclica, lamentavelmente, porque o país ainda tem problemas estruturais sérios. Crescimento de longo prazo está associado ao aumento da capacidade produtiva, não só da acumulação de capital, como na acumulação de capital humano por um sistema educacional adequado e apuro das instituições.

Como exemplo de problemas ela citou a educação “péssima” dos trabalhadores que chegam ao mercado e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), “praticamente caduca”.

Fragelli lembrou que o país cresceu imensamente até os anos 70 e depois parou de crescer. E citou 1993 como exemplo de recuperação cíclica.

– Temos que mudar a discussão dos aspectos macroeconômicos que dominaram nos últimos 15, 20 anos e começar a enfatizar aspectos microeconômicos. Significa enfrentar uma série de lobbies, redefinir papel de órgãos do Estado, identificar gargalos do crescimento, estabelecer marcos regulatórios.

Nas contas do economista, a carga tributária de “37,5% do Produto Interno Bruto” faz do Brasil um país com um governo que “gasta muito”.

– Seria de se imaginar que, com 37% do PIB entregue ao Estado, não houvesse mais pobres no Brasil. O problema é que o dinheiro não chega aos pobres. Fica nas classes mais abastadas. O governo arrecada muito e não gasta bem.



PAPEL do BNDES hoje foi criticado por Renato Fragelli, economista da FGV

Outro ponto problemático, segundo ele, é o crédito restrito e que ainda sofre com problemas da legislação e discussões jurídicas sobre taxas de juros e a execução de garantias, como por exemplo, no caso de imóveis.

– O sistema de crédito funciona tão mal no país que estamos dependendo de uma muleta criada nos anos 50, que é o BNDES.

O economista criticou a condução do BNDES no atual governo e citou como exemplo o gasto de R\$ 1,5 bilhão do orçamento do banco para comprar

ações e “reestatizar um pedaço da Companhia Vale do Rio Doce”.

– Onde está a racionalidade disso?

Fragelli defendeu uma discussão do papel do BNDES, que hoje, na visão dele, acaba inibindo o desenvolvimento do mercado de capitais.

– Por que uma grande empresa brasileira vai se preocupar em emitir mais ações, em tratar bem o acionista, em distribuir dividendos, enfim, em ir ao mercado pegar dinheiro se ela pode bater na porta do BNDES e pegar dinheiro barato?